

FGV e IBGE divergem sobre renda

Fundação Getúlio Vargas afirma que o País apresenta, em algumas áreas, taxas chinesas de crescimento sem a devida verificação do Instituto

Renato Lima

renatolima@jcc.com.br

A renda no Brasil está crescendo a taxas chinesas e as contas do Produto Interno Bruto (PIB) não estão medindo isso. O diagnóstico é do economista da FGV-RJ Marcelo Neri, que falou ontem em painel no 35º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia (Anpec), que está acontecendo no Mar Hotel. A análise foi rebatida pelo presidente do IBGE, Eduardo Nunes.

Dizendo que ia apresentar mais perguntas do que respostas, Neri citou dados de crescimento de renda, especialmente entre os mais pobres. "Sempre que sai as estatísticas sociais o governo comemora, e aí quando se divulga as contas nacionais parece ser o reverso da medalha. Mas, pelos dados da Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios (Pnad), estamos crescendo a renda per capita como a China, a 8% ao ano", diz. Isso porque, ao se analisar os dados do PIB, o crescimento de 2006 foi de 3,70% e em 2005 3,16%. Bem abaixo dos cerca de 11% da China. Mas, olhando a renda, os pobres tiveram um crescimento de 57% entre 2001 a 2006. Nos últimos dois anos, os mais ricos também tiveram ganhos, crescendo 15,3% per capita (contra 26,6% para os mais pobres). "É um crescimento chinês. Ou, pelo menos, indiano", diz o especialista. Dados de concentração de renda, com base no índice Gini, também apresentaram diminuição, com a saída de 6 milhões da linha da pobreza no ano passado. "Ou a pobreza do País não está caindo como a gente acha que está caindo ou o Brasil não está estagnado", identifica Neri.

"Nas contas nacionais, os 10% mais pobres tem apenas 1% da renda nacional. Por isso, por mais que tenham crescido, o efeito multiplicador é pequeno. Os 10% mais ricos tem 46% da renda nacional e eles não tiveram crescimento chinês", rebateu o presidente do IBGE, Eduardo Nunes, defendendo o cálculo do PIB feito pela instituição. "Até quem não comia, por mais que coma muito agora, o impacto é pequeno", indica.

"Dois anos atrás, estávamos discutindo sobre o Brasil na rabeira do crescimento, só ganhando do Haiti. Depois, em março de 2006, revisaram as contas do PIB e nós melhoramos", lembrou Francisco Pires de Souza, professor da UFRJ. Ele, entretanto, não confia tanto num crescimento de taxas chinesas, porque o consumo de energia não subiu em níveis tão elevados.

Mercado precisa explorar projetos

As empresas pernambucanas ainda precisam acordar para as oportunidades de negócios que começam a surgir com a chegada de grandes empreendimentos ao Estado. As perspectivas da economia mundial, nacional e estadual para 2008 foram apresentadas ontem, durante o lançamento da Agenda da TGI Consultoria em Gestão, realizada na Oficina de Francisco Brennand. Francisco Cunha, diretor da TGI, alerta que o momento de se articular para aproveitar as oportunidades é agora, porque as empresas de Pernambuco — inclusive as do setor de serviços — sofrerão grande concorrência

das firmas de fora.

“As empresas de Pernambuco passaram muito tempo fora do tempo. E a impressão é que elas ainda não entraram no ritmo que precisam”. Além de se articular melhor, elas precisam aperfeiçoar o processo de gestão e investir em capacitação de pessoal. Cunha cita o exemplo do pólo Jurídico do Estado, que é competente, mas precisa ficar atento para que os grandes empreendimentos (como refinaria, estaleiro, a fábrica da Novartis, entre outros) não tragam advogados de fora.

A perspectiva é o Brasil fechar o ano com um crescimento de 4,7%.

Em 2008, deve manter esse crescimento, enquanto a economia mundial deve se arrefecer por causa da crise imobiliária norte-americana. Para Pernambuco, o próximo ano deve ser ainda melhor, em função dos investimentos estruturadores.

Como resultado parcial da pesquisa realizada com os clientes presentes ao evento, a TGI constatou que 44,3% deles apostam na estabilidade da economia mundial para 2008 e 52,1% acreditam numa queda moderada. Além disso, 52,1% apontaram que o grande desafio para o governo Lula em 2008 é assegurar a governabilidade.